



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



COMPORTAMENTO SEGURO E O PODER DE RESISTIR ÀS INFLUÊNCIAS DOS AMIGOS E COLEGAS ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

JORGE ANTÔNIO ALMEIDA MENNA BARRETO[1]

EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

RESUMO

Este estudo foi realizado junto a uma escola de ensino médio do Estado de Sergipe, localizada em Aracaju e buscou investigar a vivência dos alunos sobre os valores de segurança e o poder de resistir às influências dos amigos e colegas. A metodologia utilizada foi a aplicação de um questionário com perguntas fechadas, organizadas nos moldes da escala Likert, com a participação de 100 alunos. Para mais da metade dos entrevistados, segurança tem o sentido de existência de policiamento nas comunidades e para outra parcela similar, suas casas representam o local onde se sentem mais seguros. A orientação recebida dos pais apresenta-se como fator importante na melhoria da busca de segurança para a vida desses jovens, bem como em relação ao poder de resistência às influências dos amigos e colegas. De modo geral os pesquisados se sentem inseguros nos meios por onde circulam em seu cotidiano.

Palavras-chave: Segurança. Valores. Escola.

ABSTRACT

This study was carried out with a high school in the State of Sergipe, located in Aracaju and sought to investigate the life of students on the values of security and the power to resist the influence of friends and colleagues. The methodology used was the application of a questionnaire with closed questions, organized along the lines of the Likert scale, with the participation of 100 students. For more than half of respondents, security has the meaning of existence of policing in communities and to another similar portion their homes represent the place where they feel safer. The guidance received from parents is an important factor in improving security to search the life of these young people, as well as in relation to the power of resistance to influences from friends and colleagues. In general the respondents feel insecure in the media through which circulate in their daily lives.

Keywords for this page: Security. Values. School.

[1] Psicólogo Especialista em Psicopedagogia Clínico-Institucional – ESAB, 2010. Mestrando em Educação pela Universidade Lusófona de Tecnologias e Humanidades – Lisboa – Portugal.

ARACAJU – SE

2013

INTRODUÇÃO

Na era em que vivemos a pós-modernidade, tem-se observado a tendência à relativização dos valores, motivo pelo qual, grande parte da sociedade, tem dirigido cobranças a quem é um dos principais agentes na formação relacionada ao tema, ou seja, o educador. De forma associada a esse fenômeno está o crescimento das influências exercidas pelo individualismo, podendo esse, [ganhar](#) supremacia enquanto valor de modo a sobrepujar as práticas éticas de caráter coletivo. De outro modo, os interesses individuais podem vir a se sobrepor em relação aos interesses ditos da sociedade como um todo.

De acordo com a nova atmosfera que se vive, representada pela pós-modernidade, estaríamos diante de uma ética marcada pelo ideal do pós-dever, porém, sem que essas práticas signifiquem a presença de uma cultura de tolerância permissiva. Embora as sensações de estranhamento da parte dos mais conservadores, das queixas dirigidas ao relativismo dos valores na atualidade, todo esse processo não se dá sem que o mesmo venha a representar uma criação social do momento vivido pela sociedade.

O presente estudo foi realizado junto aos alunos do ensino médio de uma escola estadual, localizada no município de Aracaju, Estado de Sergipe. Teve como objetivos principais o conhecimento sobre o perfil da amostra de pesquisados, além do conhecimento em relação a dois valores. O primeiro desses foi "segurança" e o segundo foi "o poder de resistir às influências recebidas de amigos e colegas". Estes dois valores no [trabalho](#) atual representam uma adaptação ao que anteriormente Macedo (2006) estudou com as denominações "segurança" e "habilidade de resistência" em "Os Valores Positivos e o Desenvolvimento do Adolescente: da Vulnerabilidade à Responsabilidade", o qual, por sua vez, foi desenvolvido como um procedimento inicial para a adaptação cultural do questionário "*Profiles of Student Life: Attitudes and Behaviors*", construído pelo *Search Institute*, localizado em Minneapolis, EUA.

O valor segurança foi trabalhado por Macedo (2006) no sentido de averiguar se o jovem sente-se seguro em casa, na escola, na vizinhança e na comunidade em que vive. O valor habilidade de resistência foi trabalhado pela autora no sentido de averiguar se o jovem pode resistir à pressão negativa dos colegas e influências comunitárias perigosas.

O instrumento de coleta dos dados desta pesquisa, caracterizada como descritiva, foi um questionário em parte composto de perguntas fechadas e em parte por questões segundo os moldes da escala Likert, sendo que algumas apresentavam quatro alternativas de respostas e outras cinco alternativas. A opção de se realizar o estudo com alunos do ensino médio decorreu do interesse em pesquisar aspectos relacionados aos valores no período da adolescência.

A revisão dos temas abordados por Freitas (2003), ligados ao desenvolvimento do indivíduo, a formação do juízo moral e a aquisição da autonomia, bem como a entrada no período da adolescência, dizem das questões trabalhadas no presente estudo. A autora apresenta uma passagem sobre as premissas ligadas à formação do sujeito e que conseqüentemente vão implicar na aquisição dos valores, enquanto componentes da ética que todos vivemos na sociedade. Para além desses estudos, trabalhou-se a partir dos conceitos de outros teóricos sobre valores, bem como se procurou realizar uma breve passagem sobre a pós-modernidade, enquanto um novo padrão ético vivido na contemporaneidade.

REVISÃO TEÓRICA

A temática que versa sobre educação e valores, conforme Goergen (2005) tem sido uma das mais destacadas e mais controversas na sociedade atual e considerando-se a sua amplitude, só é possível ser tratada parcialmente, ou seja, por meio de recortes que representam apenas os pontos de vista de alguns autores ou correntes de pensamento. Evidências nesse sentido podem ser observadas ao passo que diversos campos da ciência procuram tratar da educação e dos valores. Como consequência dos múltiplos interesses despertados no meio científico, o tema ganha caráter transversal, onde não se pode de maneira explícita delimitar o alcance de cada campo teórico, estando entre esses a filosofia, a psicologia, a sociologia, a antropologia, a economia, além da política e da pedagogia, arrolados por Goergen (2005).

De acordo com o que refere Freitas (2003, p. 99), o valor representa uma ligação afetiva entre o sujeito e o objeto. Goergen (2005, p. 989), procurando ampliar ou tornar mais geral o conceito sobre valores, expressa o que segue:

[...] o conceito de valor é cheio de ambiguidades e varia de autor para autor e de época para época. Ainda hoje não encontramos nenhuma unanimidade a respeito de seu sentido. Eu vou usar o termo valor como princípios consensuados, dignos de servirem de orientação para as decisões e comportamentos éticos das pessoas que buscam uma vida digna, respeitosa e solidária numa sociedade justa e democrática.

Para que se possa falar de valores, torna-se pertinente aludir os estágios iniciais de desenvolvimento do indivíduo quando este ainda não possui um sistema de valores formado. Conforme o que coloca Freitas (2003), desde a infância até ao menos próximo da passagem para o estágio da pré-adolescência, o indivíduo relaciona-se com o mundo de forma predominantemente heterônoma. (Ibidem) anota que esse conceito se refere à denominação da primeira forma de regulação da ação, derivada das relações coativas da criança com as gerações anteriores. Nessas situações, a norma que dita à consciência do sujeito se ele deve ou não praticar uma determinada ação, provém de outrem.

A família originariamente, enquanto primeira célula do social para o indivíduo apresenta-se como o *locus* inicial de vivência e prática daquilo que serão considerados os valores. Conforme Macedo (2006, p. 6), vejamos o que diz essa autora:

A família, nossa placenta cultural, é um espaço privilegiado nessa cadeia de transmissão de valores, propiciando aos jovens à apropriação de referenciais que se renovam na passagem de uma geração a outra, pela exigência de um remanejamento de competências que permitem aos filhos uma melhor gestão do futuro.

Tem-se aí nesse espaço os adultos como os herdeiros dos valores da cultura assumidos em suas vidas em sociedade e que de modo consecutivo começam a ser transmitidos para seus filhos. É no convívio com os mais velhos e em decorrência da necessidade de viver em sociedade que o sistema de valores passará a ser formado, seja por meio de ações coativas nos primeiros anos de vida, seja pela assunção gradual de novos estágios de desenvolvimento, os quais poderão colocar a criança num maior pé de igualdade ou avançar no sentido de aproximá-la dos estilos de comportamento dos adultos, de acordo com Freitas (2003).

A escola apresenta-se logo a seguir, como um novo elemento de socialização do sujeito. De acordo com (Ibidem), o mesmo passa a ter nesse período a ampliação de seus horizontes, dentro da escala de seu desenvolvimento. Além da assunção de novos valores, será esse um espaço privilegiado para a reafirmação das regras e de todo um conjunto de valores já firmemente arraigados nas práticas sociais do ambiente em que cada indivíduo vive.

Isso nos conduz ao tema a seguir, conforme explicita (Ibidem, p. 92):

A autonomia foi designada por diferentes termos (tais como) moral autônoma, da consciência autônoma, da cooperação, do respeito mútuo, da reciprocidade, do bem, do sentimento do bem e moral racional [...] a coação social produz uma moral heterônoma, as relações estabelecidas entre iguais são capazes de livrar o sujeito de seu egocentrismo e franquear-lhe o caminho para a conquista da consciência autônoma.

Na contemporaneidade, tem se visto a cada dia mais alargado o período de vida considerado transitório e de intensas mudanças, denominado adolescência. No sentido de retardar a passagem para a idade adulta, e não ter que assumir novas responsabilidades. Cortella (2009, p. 41) aponta que hoje há uma nostalgia, tanto de adultos quanto de crianças, tentando voltar à infância e trazê-la de volta para o seu cotidiano. A compreensão de adolescência na atualidade não pode se limitar aos critérios cronológicos, faz-se necessário se transcender para a contextualização da geografia em que estão inseridos os sujeitos em questão.

O papel da escola mostra-se imprescindível enquanto via para a construção de valores. Considerando-se a tendência à desvalorização que o espaço escolar vem sofrendo em diversas esferas da sociedade, La Taille (2010, p. 107-8) expressa:

A escola precisa urgentemente assumir sua tarefa, pois é a única instituição que ainda tem legitimidade social para tanto, a única que, no fundo diz respeito a todo mundo, visto que, em algum momento da vida, todo mundo é aluno ou professor, pai ou irmão de aluno [...] Ou seja, a escola ocupa um lugar central na sociedade, embora que venha abdicando de seu caráter de liderança.

No presente estudo são trabalhados os valores "segurança" e "o poder de resistir às influências de colegas e amigos". Anteriormente Macedo (2006) estudou "segurança" e "habilidade de resistência" em "Os Valores Positivos e o Desenvolvimento do Adolescente: da Vulnerabilidade à Responsabilidade", desenvolvido como um procedimento inicial para a adaptação cultural do questionário "*Profiles of Student Life: Attitudes and Behaviors*", construído pelo *Search Institute*, localizado em Minneapolis, EUA.

O valor segurança foi trabalhado por (Ibidem) no sentido de averiguar se o jovem sente-se seguro em casa, na escola, na vizinhança e na comunidade em que vive. O valor habilidade de resistência foi pela autora trabalhado no sentido de averiguar se o jovem pode resistir à pressão negativa dos colegas e influências comunitárias perigosas. No estudo atual, junto aos alunos do ensino médio, os valores trabalhados são segurança, com a mesma acepção utilizada por (Ibidem) e o poder do jovem de resistir às influências de colegas e amigos em seu comportamento, de forma adaptada em relação ao que estudara (Ibidem).

Goergen (2005) estuda os valores sob quatro vertentes, tais como *a individualista*, *a social*, *a pós-moderna* e *a teórico-crítica*, mas para os propósitos do presente estudo trataremos apenas das três primeiras. As vertentes, individualista e a social, de acordo com o que define o autor, tiveram breves considerações nas relações de contraponto com o que destaca Freitas sobre as fases iniciais do desenvolvimento infantil. A vertente individualista relacionada com a vivência egocêntrica da criança em seus primeiros anos de vida e a vertente social a partir do momento em que essa entra para a escola, ampliando seu círculo social para além do âmbito familiar.

Buscando tratar da terceira vertente de valores, vamos ao que é observado enquanto característica da pós-modernidade de acordo com (Ibidem). Sobre o que hoje consideramos pós-moderno, o autor situa que o conceito teria se originado a partir de críticas contra a metafísica e a razão moderna, a razão de tudo pretender fundamentar. Hoje a partir das tentativas de se fundamentar a moral, os pós-modernistas, além de repelirem fortemente a ideia, referem ser esse um pleito fadado ao insucesso.

A passagem da prática de uma 'religião' do dever laico, na vigência da moral moderna, para a era do pós-dever na pós-modernidade sintetiza as mudanças ocorridas entre essas duas épocas em nossa

sociedade. O ceticismo moral, observado na pós-modernidade, conforme anuncia (Ibidem), seria outra característica marcante da era contemporânea. Há que se referir ainda outro aspecto importante dentro dos quadros de transformação que nossa sociedade vem sofrendo em seus valores. Apesar de observarmos o império da ética do pós-dever, não necessariamente isso tem feito com que desapareçam as correntes que lhe são contrárias, nem significa que o pós-dever seja sinônimo da entrada numa era da tolerância permissiva, Bauman apud Goergen (2005, p. 997). Nesse contexto vejamos:

A própria ética é denegrida e escarnecida como uma das construções tipicamente modernas agora quebradas e destinadas ao cesto de lixo da história; grilhões uma vez considerados necessários, agora estimados claramente supérfluos: outra ilusão que os pós-modernos podem muito bem dispensar.

Dentre os temas introduzidos pelo pós-modernismo em nossa cultura contemporânea temos o surgimento de novas formas de individualismo que buscam se livrar de controles e de regras. Embora os pós-modernistas coloquem o individualismo no centro da lógica que rege a contemporaneidade, conforme Goergen (2005), é preciso reconhecer que se fala de dois tipos de individualismo. O primeiro, podemos destacar, como presumindo a existência de regas sociais, igualdade e perspectivas de futuro. Seria um tipo o qual os teóricos têm considerado como um individualismo responsável. O segundo seria o modelo do cada um por si, um individualismo irresponsável, ou seja, um modelo que vai contra todos os princípios éticos os quais tem se defendido enquanto uma sociedade que se deseja mais solidária. É a partir de uma encruzilhada representada pelas questões polêmicas defendidas pelos pós-modernistas e diante dos conflitos provocados pelas atmosferas individualistas que se joga o futuro das democracias na atualidade, relata Goergen (2005).

METODOLOGIA

Foram entrevistados 100 (cem) alunos do ensino médio de uma escola estadual localizada no município de Aracaju. Desses, 57% (cinquenta e sete por cento) estudam no turno da manhã e 43% (quarenta e três por cento) no turno da noite. Pela manhã, 51% (cinquenta e um por cento) são do sexo masculino e 49% (quarenta e nove por cento) do sexo feminino, enquanto na noite o quantitativo de alunas é superior a 04 (quatro) vezes ao de alunos, ou seja, são 81% (oitenta e um por cento) contra 19% (dezenove por cento). Do total de entrevistados, 41% (quarenta e um por cento) trabalham, sendo desses 73% (setenta e três por cento) representados pelo sexo feminino e o restante do sexo masculino. Da amostra, dividida em 05 (cinco) faixas etárias, 44% (quarenta e quatro por cento) têm a idade de 14 (quatorze) a 16 (dezesesseis) anos, 27% (vinte e sete por cento) de 17 (dezesete) a 19 (dezenove) anos, 13% (treze por cento) de 20 (vinte) a 22 (vinte e dois) anos, 6% (seis por cento) de 23 (vinte e três) a 25 (vinte e cinco) anos e 10% (dez por cento) têm 26 (vinte e seis) anos ou mais. O estado civil de 89% (oitenta e nove por cento) é solteiro, 74% (setenta e quatro por cento) vivem com os pais, 14% (quatorze) com parentes ou amigos da família e 12% (doze por cento) reúnem os que moram com o esposo ou a esposa, sozinhos ou com amigos em república.

O instrumento de coleta dos dados utilizado foi um questionário com perguntas fechadas e questões organizadas nos moldes da escala Likert com 04 (quatro) ou 05 (cinco) alternativas, devendo o respondente assinalar aquela que mais se assemelha a sua opinião. As questões visavam colher a opinião dos alunos sobre a sensação que têm em relação a sua segurança e o poder de resistir às influências positivas ou negativas de colegas e amigos. Buscavam também identificar o perfil dos entrevistados, os temas sobre os quais sentem uma maior carência de informações advindas dos pais e os temas sobre os quais a família mais se preocupa em repassar enquanto valores.

O contato inicial com a instituição de ensino se deu junto à coordenação, a seguir foi contatada a diretora para solicitar a permissão para a realização do estudo junto aos alunos. A diretora procurou analisar o instrumento de pesquisa, tendo posteriormente repassado o mesmo para o recebimento de parecer do

Conselho Escolar, instituto o qual busca mediar às relações dentro da comunidade da escola. O parecer do Conselho Escolar foi favorável à realização da pesquisa e a seguir foram contatados os professores diretamente nas salas de aula, foram passadas aos alunos as instruções de preenchimento do questionário, bem como foi solicitada a colaboração e o consentimento dos mesmos em participar do estudo. Os alunos ou a instituição não foram identificados na coleta de dados, com o que ficou dispensada a assinatura de termo de compromisso relacionado à participação na pesquisa.

RESULTADOS

Sobre o tema segurança, 44% (quarenta e quatro por cento) dos entrevistados atribuem que seu significado é policiamento, enquanto 46% (quarenta e seis por cento) referem à existência de uma comunidade pacífica como sua equivalente. A perspectiva da existência de policiamento como fator significativo para gerar a sensação de segurança nos entrevistados denota um caráter heterônomo que esse fenômeno faz transparecer.

Para a afirmação "Você se sente seguro", 52% (cinquenta e dois por cento) disseram que sim em casa, 12% (doze por cento) na escola e 18% (dezoito por cento) em nenhum dos locais citados e destes últimos, 87% (oitenta e sete por cento) são do sexo feminino. Neste quesito há que se ressaltar, que embora um alto índice dentre os pesquisados ter respondido que a sensação de segurança é sinônima da existência de uma comunidade segura, mais de 50% (cinquenta por cento) citaram a própria casa enquanto local onde se sentem seguros. Outro aspecto o qual se deve associar com as respostas apresentadas nesses itens diz do elevado índice negativo atribuído à qualidade da segurança na cidade ou Estado onde os pesquisados residem. Foi de 92% (noventa e dois por cento) o total de respostas entre os conceitos de regular, ruim ou muito ruim.

Sobre os fatores em relação aos quais os jovens sentem uma maior necessidade de discussão com os pais, para se sentirem mais seguros em suas relações, está disparado o tema liberdade com responsabilidade, com 63% (sessenta e três por cento) e as influências que podem advir das relações com os amigos apresenta-se em segundo lugar com 18% (dezoito por cento), ficando o tema sexualidade com 7% (sete por cento) e o consumo de bebidas ou drogas com 6% (seis por cento). A supremacia do interesse dos jovens pela questão da liberdade atesta o que aponta Bauman (2010, p. 40) e que dizem do desejo desses por mobilidade, fluidez nas relações, compromissos de curta duração, descarte de objetos e de conhecimentos, enquanto característica da cultura pós-moderna. O monitoramento das ausências de casa pelos pais é acusado por 71% (setenta e um por cento) dos jovens e sobre os efeitos dessa prática em suas vidas, o total de 76% (setenta e seis por cento) entende que influenciam muito ou influenciam na qualidade de suas respectivas formações pessoais ligadas à segurança de cada um. Associando-se o que as duas questões explicitam como o significativo desejo por liberdade e a aceitação relativamente pacífica do monitoramento pelos pais, depreende-se haver um conflito interno de valores entre os pesquisados, não necessariamente atuados por meio do comportamento de cada um deles em seu cotidiano.

Tomada a família como um dos principais pontos de apoio na formação dos jovens, 93% (noventa e três por cento) afirmam sentirem-se apoiados em suas necessidades. Questionados se a escola, outro considerável ponto de apoio para a formação, discute ou informa sobre a importância em se cumprir as regras sociais, 60% (sessenta por cento) afirmam positivamente, enquanto 36% (trinta e seis por cento) afirmam negativamente, que a escola não os orienta para as suas condutas sociais. Além dos alunos, os apelos relativos à necessidade de uma maior atenção para a questão dos valores na escola têm se apresentado por meio de queixas generalizadas, seja da parte das famílias ou daqueles que estão implicados com a educação. Diante dessa realidade, circunstancialmente manifestada pelos jovens do ensino médio, Cortella, (2009, p. 7), nos apresenta algo que soa como um mandamento, oriundo de sua prática enquanto educador: "Temos de tratar do tema dos valores na escola".

De forma um tanto paradoxal com o que pensam 36% (trinta e seis por cento) dos jovens sobre as

informações oferecidas pela escola na conduta social, a maior parte deles elegem como grandes preocupações de seus pais fatores como o descumprimento de regras, o consumo de drogas ou bebidas, os efeitos das companhias e a violência, com 85% (oitenta e cinco por cento). Diante da diferença de valorização atribuída à educação escolar e a de casa, os pesquisados nos dão indicativos de que não sabem ou não reconhecem a importância que a escola tem para suas vidas futuras. Conforme apontariam os estudos de Freitas (2003), estes jovens apresentam comportamentos socialmente mais aceitos em casa, antes pelo temor à autoridade que representariam seus pais do que propriamente por considerá-los merecedores de respeito.

Da amostra de entrevistados, 85% (oitenta e cinco por cento) afirmam que seus pais os incentivam sempre ou quase sempre para terem autonomia e escolhas responsáveis em suas decisões, enquanto que para a tomada de decisões responsáveis em seus comportamentos, 86% (oitenta e seis por cento) sentem-se sempre ou quase sempre aptos para tal. Aqui, considerando-se o que demonstraram os jovens em relação à obediência aos valores passados em casa e os valores que a escola procura repassar, mais uma vez denota-se o caráter imperativo que se faz presente no comportamento de cada um no sentido de pretender antes satisfazer os desejos e as expectativas de seus pais do que propriamente atestar um real aprendizado ou uma internalização efetiva de valores relativos à sua educação.

A medida da influência de terceiros que os jovens entrevistados admitem em suas atitudes na vida diária atinge o percentual de 60% (sessenta por cento), índice pertinente no sentido de que a amostra se compõe de 71% (setenta e um por cento) de indivíduos na faixa etária de 14 (quatorze) a 19 (dezenove) anos, típica de quem apresenta tendências de comportamento de caráter adolescente. Já com relação ao poder dos amigos e de colegas influenciar para a tomada de atitudes consideradas reprováveis pela moral social, 75% (setenta e cinco por cento) afirmam jamais se deixarem influenciar, enquanto 17% (dezessete por cento) afirmam que eventualmente aceitariam ser influenciados pelos seus pares. Nesse sentido a amostra de entrevistados apresentaria um alto índice de moralidade, demonstrando uma relativa solidez de pensamento em relação ao que sente como contrário às normas sociais vigentes? Ou de maneira contrária, as práticas comportamentais socialmente aceitas que os pesquisados afirmam, estariam perpassadas pelo sentimento moralista, próprio de quem age mais a partir da ideia do outro do que a própria consistência de suas formas de pensar e agir autonomamente.

De maneira associada ao que a amostra de pesquisados demonstra em relação a comportamentos reprováveis pela sociedade, conforme acima, 91% (noventa e um por cento) afirmam jamais terem experimentado cigarros ou maconha. Nesse sentido apresentam um baixo índice de risco relacionado à possibilidade de consumo de drogas proibidas. Com relação ao consumo de bebidas alcoólicas, 36% (trinta e seis por cento) afirmam que nunca beberam, 8% (oito por cento) já beberam e deixaram, enquanto 50% (cinquenta por cento) bebem com amigos, em festas ou mesmo em companhia da família. Sobre o consumo de álcool, a tolerância dessa prática não demonstra disparidades em relação ao que a aceitação social tende a apresentar.

As discriminações entre as diversas formas de comportamento são evidenciadas pelas respostas dos entrevistados como um fenômeno difícil de desaparecer e de baixos índices de consenso. Com relação a quem pensa e age diferente da maioria, 60% (sessenta por cento) dos respondentes demonstram possuir restrições a quem não se comporta dentro de um estereótipo social esperado. Desses, 10% (dez por cento) afirmam que uma pessoa que age e pensa diferentemente da maioria terá muito poucos amigos, 23% (vinte e três por cento) interpretam como uma pessoa com atitudes estranhas, para 7% (sete por cento) o indivíduo diferente sofrerá rejeições sociais e 20% (vinte por cento) afirmam que haverá aceitação, mas com restrições pelos demais indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens demonstram sentir pouca segurança nos locais por onde circulam diariamente e elegem a

própria casa como um local privilegiado para sentirem-se seguros. Já a sensação de insegurança, seja em casa, na escola, na vizinhança ou na comunidade é significativamente superior no sexo feminino.

Dentre os temas que os jovens mais esperam poder discutir com os próprios pais está a liberdade com responsabilidade. Embora essa aspiração possa parecer positiva, na verdade, evidencia a falta de segurança pessoal nos propósitos de vida de cada um. Esses jovens demonstram certa desconfiança nas relações com os próprios amigos ou colegas. Outro aspecto a se ressaltar é a associação da aspiração por liberdade e o consentimento de cada um em ser monitorado pelos pais em suas ausências de casa. A presentificação da figura dos pais no monitoramento desses jovens implica na falta de reconhecimento de ambas as partes de que os mesmos possuem autonomia e estão aptos a todo o momento para agirem de forma responsável. Este fenômeno evidencia a existência de conflitos nas relações com os pais, não trabalhados, pela falta de consciência sobre os mesmos.

Na comparação entre os valores formados a partir da educação recebida em casa e aqueles decorrentes da educação oferecida pela escola, vemos estes últimos com a sua importância reduzida, pois os pesquisados dão indicativos de que não sabem muito bem para o que servirão os ensinamentos aí recebidos em suas vidas futuras. Constatam-se indícios de que essa juventude somente frequenta a escola em decorrência da obrigação e da cobrança dos pais, representadas por um tipo de educação da ordem da coação. No ambiente familiar, é comum que perdurem modelos de educação com caráter coercitivo, podendo isso redundar numa maior valorização ou maior afirmação dos valores positivos repassados em casa, de modo diverso da escola onde as relações tendem a se mostrar mais democráticas. O caráter mais democrático vivenciado no ambiente escolar em relação ao que ocorre no ambiente familiar caracteriza outro espaço potencial de avanços no amadurecimento dos entrevistados, mas que é mal aproveitado. Esse fenômeno apresenta-se enquanto fruto da heteronímia, predominantemente vivenciada pelo grupo de pesquisados nas suas relações sociais.

Embora jamais se veja afirmada de modo positivada pela sociedade, é comum a prática dos preconceitos mediar as relações sociais de maneira geral. Dificuldades nesse sentido aparecem no momento em que a amostra de pesquisados é inquirida em relação às diferenças de comportamento apresentadas por parte dos indivíduos que compõem os meios sociais. Para 60% (sessenta por cento) dos entrevistados, as pessoas que agem e pensam de modo diferente de um estereótipo social serão discriminadas, interpretadas como não adaptadas e sofrerão restrições nos índices de aceitação pelo grande grupo que compõe a sociedade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. **Nos labirintos da moral**. Campinas: 7 Mares, 2010.

FREITAS, Lia. **A moral na obra de Jean Piaget**: um projeto inacabado. São Paulo: Cortez, 2003.

GOERGEN, P.

Educação e valores no mundo contemporâneo.

2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 20 dez 2012.

MACEDO, R. M. S. D.; KUBLIKOWSKI, I; BERTHOUD, C. M. E. Valores positivos e desenvolvimento do adolescente: uma perspectiva dos pais. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano.**

2006, p. 38-52. Disponível em: www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v16n2/05.pdf. Acesso em: 15 dez 2012.

SANTANA, Clésia Maria Hora; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **A mídia televisiva e a transmissão de valores na ótica de alunos do ensino médio.** 2010. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php. Acesso em 16 dez 2012.